

Opinião

opinio@rac.com.br

“Ainda não recuperamos os níveis perdidos no ano passado, a preocupação continua”

Hilton Silveira Pinto, pesquisador do Cepagri, da Unicamp, sobre os riscos da crise hídrica.



manuel carlos



A opinião do leitor

O jornal mantém aí ao lado praticamente uma página inteira para que os leitores manifestem suas opiniões. A interatividade é um verdadeiro sucesso e o espaço é quase sagrado, publicando até mesmo a fotografia do leitor. Não existe no Brasil qualquer outro jornal que siga esse exemplo.

O diretor de redação sabe que o espaço é exclusivamente do leitor e que não tem qualquer sentido colocar ali a opinião do jornal por meio de Notas de Redação.

Ao final de minha coluna, procurando prestigiar a interatividade proposta pelo **Correio Popular**, publico meu e-mail. Respondendo a todos que me escrevem, seja quando elogiam, criticam ou insultam.

Aos que elogiam, agradeço: aos que criticam, provooco o debate; aos que me insultam, eu também insulto, homenageando as disposições de nosso Código Penal que diz: “chumbo trocado não dói”.

Não escrevo para agradar ninguém, manifesto minha opinião sincera sobre o que penso sobre os assuntos e não tenho medo de críticas e nem de insultos.

O objetivo é provocar reações, sejam favoráveis ou contrárias. É tirar o leitor da passividade e do conformismo.

Lembro-me, que no desastroso governo da rainha Izalene, quando a cidade estava um verdadeiro lixo, os leitores protestavam na coluna a eles reservada contra o cocô dos cachorros na Lagoa do Taquaral.

Aquilo me deixava indignado, mas em muito pouco tempo os leitores foram per-

cebendo que precisavam reagir.

Recentemente, critiquei o barulho da Escola de Cadetes e um coronel do exército, de forma nada elegante, afirmou que eu estava usando minha coluna para fazer uma reclamação pessoal. Não respondi a ele na Coluna do Leitor, que é um espaço exclusivo dos leitores, mas sim aqui em minha coluna.

Ao contrário do coronel, o comandante da EsPCEX convidou-me para visitar a escola e de forma muito cordial reconheceu alguns excessos e prometeu corrigilos.

Hasteada a bandeira branca, alguns outros leitores saíram em defesa da escola ou em minha defesa debatendo um tema que já não era mais polêmico.

De qualquer forma meu objetivo foi cumprido, ou seja, conseguir uma reação dos leitores.

Sempre brinco com meus amigos petistas, dizendo a eles que são meus maiores leitores, porque leem meus artigos duas vezes: a primeira para sentir raiva e a segunda para entender.

Realmente não me importo com as críticas que recebo, sejam elas justas ou injustas. O que me importa na realidade é provocar reações dessa sociedade anestesiada, que trabalha mais de seis meses do ano para pagar impostos e aguenta toda sorte de bandalheiras com o dinheiro público, aplaudindo muitas vezes um governo desonesto, demagogo e populista.

Manuel Carlos Cardoso é advogado e professor (cardoso@rac.com.br)



dalcio



EDUCAÇÃO

Aprendizagem além dos muros

ALFERO MENDES NETO

A intensa fluidez das informações e as contínuas transformações tecnológicas influenciaram nas formas de produção de riqueza, nas relações sociais, nos valores materiais e morais, nas formas de produção do conhecimento e, consequentemente, no processo de ensino e de aprendizagem.

A popularização da internet, juntamente com a expansão da banda larga, possibilitou a criação de metodologias de aprendizagem diferentes das tradicionais formas de ensino, baseadas nas exposições dos professores e registros no quadro. A internet promoveu uma nova relação com o acesso a informações e dados e com eles outras sensações, leituras, interações e experiências cognitivas. Um outro paradigma de educação escolar faz trepidar os alicerces da escola que, por séculos, se colocou como protagonista na relação do aluno com a produção do conhecimento. Ao professor que antes era delegada a tarefa, dentre tantas outras, de promover entre os seus alunos a aquisição do saber, agora adquiri um novo papel no processo de aprendizagem, o de ser o gestor do conhecimento tendo como pressuposto que todo aluno aprende no seu tempo, no seu ritmo e nos mais variados espaços distantes da sala de aula.

O uso dos dispositivos móveis, como celulares e tablets,

ampliou as possibilidades de acesso e apropriação das informações produzidas diariamente, fazendo com que a escola, de acervo livresco, conteudista, com metodologias centradas nas aulas expositivas e avaliações autoritárias, perdesse a sua hegemonia de acesso privilegiado ao saber. A didática tradicional sofre críticas diante dos recursos digitais, muitas vezes presentes no interior da sala de aula como projetores interativos, celulares e tablets. Os objetos digitais de aprendizagem como simuladores, jogos e recursos dinâmicos de apresentação ganham destaque na prática pedagógica daqueles professores, que percebem a presença de um novo perfil de aluno que convive com a tecnologia, com a realidade virtual e com a fluidez das informações que circulam nos diversos meios de comunicação, principalmente, por meio das redes sociais.

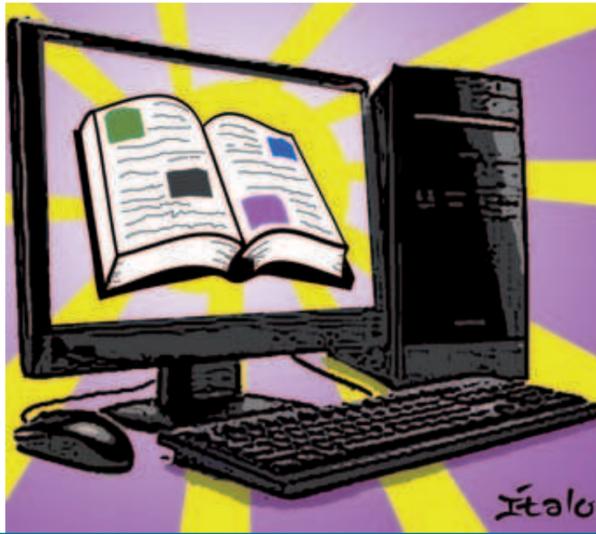
Esse imenso tráfego de informações transmitido pelas diversas mídias, quase que em tempo real, trouxe um grande desafio para todos aqueles que estão envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem: muitas vezes, o maior problema não diz respeito à falta de acesso a informações ou às próprias tecnologias, e sim a pouca capacidade crítica e habilidade procedimental para lidar com a variedade e a quantidade de informações e recursos tecnológicos. Conhecer e saber usar as tecnologias digitais implica na aprendizagem de novos procedimentos para utilizá-las e, principalmente, de habilidades relacionadas ao seu tratamento, pois ter informação não significa ter conhecimento. Se por um lado o conhecimento depende de informação, por outro a informação por si só não produz novas formas de representação e

compreensão da realidade.

A minha experiência, como professor de Geografia e como instrutor de tecnologia digital educacional, tem me mostrado que o uso dos recursos tecnológicos como ferramentas pedagógicas traz uma nova dimensão à educação e a sua presença na escola pode significar o começo de várias transformações metodológicas, entretanto essas ferramentas digitais fazem surgir inúmeros desafios a serem superados no decorrer do processo de aprendizagem. Um deles é a falta de um vínculo capaz de conciliar, com maior intensidade e sentido, os recursos tecnológicos com os objetivos e os conteúdos propostos pelas diversas disciplinas da grade curricular das instituições de ensino.

Outro desafio enfrentado pela escola, nesse atual contexto histórico, é criar condições para que o aluno desenvolva as suas habilidades e competências não só cognitivas, mas também procedimentais. É uma ilusão achar que esta geração, que ocupa as carteiras escolares, por ter facilidade em manusear os inúmeros equipamentos digitais, já está preparada para exercer a sua cidadania na sociedade da informação. É dever da escola formar pessoas capacitadas para, por meio do domínio dos recursos tecnológicos, promover o seu desenvolvimento humano, profissional e social.

Alfero Mendes Neto é professor de Geografia do Ensino Fundamental 2 e instrutor de Tecnologia Educacional da Escola Salesiana São José de Campinas



ECONOMIA

O risco de realimentar a crise

LEVI CEREGATO

duzem efeitos no sentido de conter a inflação e são nocivos à meta de retomada do crescimento.

Não se pode ignorar, ainda, outras causas da crise econômica brasileira, como o desajuste fiscal, o enfraquecimento político do governo e a perda de confiança do empresariado e dos investidores. Estamos todos muito conscientes dos problemas enfrentados pelo Brasil, temas das grandes manchetes diárias dos meios de comunicação. Entretanto, a crítica ganha maior sentido quando suscita ideias voltadas às soluções. Nesse sentido, acredito não ser produtivo apenas

apontar os fatores da crise e lamentar as desventuras dos empresários e trabalhadores brasileiros.

Independentemente das políticas públicas, que devemos, sim, buscar influenciar, por meio do encaminhamento de sugestões e reivindicações às autoridades, é preciso trabalhar muito e lutar contra o agravamento da situação econômica. Já tivemos cenários tão graves quanto o atual, numa conjuntura até mais complexa em termos mundiais, e conseguimos lutar, superar e vencer.

Somos um país com 200 milhões de habitantes e, por-

tanto, com um dos maiores mercados consumidores do mundo, ao qual ascenderam, nos últimos dez anos, mais de 40 milhões de pessoas. Não podemos retroceder e perder os ganhos dos últimos anos. Temos de alimentar, vestir, gerar empregos e manter com dignidade todo esse imenso contingente populacional. Ao fazer isso, estaremos movimentando a economia.

Temos uma indústria avançada e organizada, que enfrenta, é verdade, uma de suas maiores crises de competitividade. Porém, não podemos parar as máquinas, fechar as portas e ir para casa.

Precisamos trabalhar, produzir e seguir em frente, mesmo que a estrada seja tortuosa e cheia de obstáculos. No Brasil, está instalado um dos mais sofisticados e competentes sistemas financeiros do mundo. Nosso sistema bancário tem solidez, tecnologia, muito conhecimento do mercado e capacidade de continuar financiando as atividades produtivas. Não é hora de vislumbrar apenas as oportunidades financeiras da crise; o momento é de vislumbrar as oportunidades de gerar mais riquezas pela valorização do empreendedorismo e do trabalho.

A agropecuária brasileira é uma das mais avançadas do Planeta, com grande capacidade produtiva para abastecer o mercado interno e gerar grandes excedentes para as exportações, como tem ocorrido há muitos anos.

Nossos serviços e nosso comércio são muito bem estruturados e têm elevada capacidade de atendimento das demandas.

Assim, não basta lamentar. É hora da superação, da criatividade, das promoções, campanhas inteligentes, do respeito à lei da oferta e da procura como reguladora dos preços e de muito trabalho. O momento é o do bom combate, mantendo mobilização cívica em prol de políticas públicas que estimulem os setores produtivos e repudiando a corrupção, mas sem capitular ante os fatores inimigos da economia. Não é inteligente retroalimentar a crise. Se fizermos isso, ela cresce e nos devora em nosso próprio medo.

Levi Ceregado é o presidente da Abigraf Nacional (Associação Brasileira da Indústria Gráfica)